

Trajetória e legado do Mestre Hermenegildo Bastos

Alexandre Pilati

Germana Henriques Pereira de Sousa

Rafael Villas-Boas

**No dia 01 de outubro de 2015, durante o Seminário em Homenagem aos 40 anos do Programa de Pós-graduação em Literatura o professor Hermenegildo Bastos foi homenageado. Na ocasião, um grupo de ex-orientandos, integrantes do grupo Literatura e Modernidade Periférica e seus filhos Manoel e Heitor Bastos, também professores, organizaram o texto da homenagem. Como forma de agradecimento pelo legado do mestre, e homenagem no momento de despedida, compartilhamos uma versão do texto lido naquela ocasião.*

O professor Hermenegildo José de Menezes Bastos reúne em sua trajetória como professor e pesquisador características de uma atuação intelectual emblemática, que gostaríamos nessa ocasião solene de ressaltar – aqui falo na condição de um dos muitos professores formados por Hermenegildo, e como integrante do grupo de pesquisa Literatura e Modernidade Periférica, coordenado por ele.

A vida cultural e artística de Salvador, nos anos 1960, foi certamente uma escola primeira do ponto de vista estético e político. Dali surgiram na vida nacional incontáveis poetas, músicos, artistas, cineastas, intelectuais: os tropicalistas, Glauber Rocha, Carlos Nelson Coutinho, dentre tantos outros.

Hermenegildo chega em Brasília para estudar, acompanhando os irmãos, que se tornaram também professores renomados em suas áreas. Eram tempos de ditadura, momento de descaracterização do projeto original da Universidade de Brasília, de perseguição do pensamento crítico, demissão em massa de professores pioneiros, prisão de estudantes. Restrição ao pensamento crítico, criminalização do marxismo.

Naquele contexto, portanto, a definição do objeto de pesquisa era um ato delicado, implica nas condições de sobrevivência do estudante, e a opção pelo marxismo era um ato de coragem e rebeldia. Por essa trilha optou por seguir

Hermenegildo: foi o primeiro estudante do programa a defender uma dissertação de mestrado, no ano de 1977, cujo título é “Materialismo e idealismo na Teoria da Literatura”.

No final dos anos 1970 o professor Hermenegildo segue para a Alemanha, com o intuito de prosseguir com seus estudos. No Brasil, a ameaça de censura não se restringia ao trabalho intelectual, como bem sabemos.

Conclui seu doutoramento na Universidade de São Paulo, em 1996, orientado pelo professor Joao Luis Lafettá que, infelizmente, falece no meio do processo, tendo a professora Iná Camargo Costa o acompanhado na fase final, até a defesa.

Na década de 1980, até meados da década de 1990, Hermenegildo atua na rede pública do GDF como professor de Literatura. Também lecionou em muitas faculdades particulares do Distrito Federal. Assume diversas funções no aparato estatal, sempre ligadas à educação, cultura e arte. Eram tempos de reconverter o Estado brasileiro à democracia, reconstruir um projeto de país, de conferir sentido coletivo e de qualidade à educação pública.

Em paralelo, desenvolve intensa atividade poética, arte que o torna conhecido como um dos principais poetas de Brasília daquelas décadas. Seu trabalho é incluído em antologia poética “Deste Planalto Central – poetas de Brasília”. Um ano após ingressar como professor da UnB, em 1996, publica seu último livro de poemas: Autópsia de sombra (1997). Antes dele publicou quatro livros, A dança (1968); A coisa comum (1976), Palames (1985) e Crítica do desjuízo (1990). A experiência do poeta aguça o olhar do crítico. Momentos de impressionante argúcia e rigor teórico e estético são as aulas em que Hermenegildo se debruçava sobre um poema, desnudando equações simbólicas e mediações dialéticas invisíveis aos olhares menos experientes.

Em 1996 ingressa na Universidade de Brasília como professor de Literatura. Ingresso tardio. A redemocratização não se anunciou como ruptura com a ditadura mas, em grande parte, como sua perpetuação: portas fechadas para aqueles que lutaram por outro projeto. Entrada tardia, muito a fazer em pouco tempo. Repor um legado alijado da universidade: o da tradição marxista de reflexão sobre a experiência brasileira, um pensamento ameaçador, porque reconhece na história

seu caráter inteligível, e nisso a possibilidade de transformação, de revolução das estruturas.

Desde então se notabiliza pelo trabalho empenhado na consolidação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, tendo sido coordenador do programa na gestão de 2001 a 2003. Atuou sempre como um intelectual produtivo contra o produtivismo. Buscou no trabalho intelectual escrever para seus interlocutores, e viu sempre com muita distância e senso crítico a adesão empolgada e ingênua de colegas aos meios de comunicação empresariais, à Indústria Cultural. Evitou sempre a projeção efêmera dos meios de comunicação mercantis, renegou carimbos como o artista intelectual, o poeta negativo, o crítico dos jornais.

Optou por fazer da sala de aula seu espaço prioritário de atuação política. E, para além das fronteiras da universidade, foi buscar interlocutores nos movimentos sociais. Atuou muitas vezes de forma voluntária como professor da Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST. E, é importante dizer, seu trabalho crítico, com seu grupo de pesquisa que coordenava – o Literatura e Modernidade Periférica – construiu a proposta das disciplinas do campo estético da área de habilitação em Linguagens da Licenciatura em Educação do Campo da UnB, um curso de referência no país, nascido em 2007 na UnB, que forma professores para atuar nas escolas do campo, em assentamentos e quilombos.

Autor e organizador de oito importantes livros para os estudos literários brasileiros e latinoamericanos produziu, acima de tudo, conhecimento e não estatísticas, e se dedicou muito à formação intelectual de seus orientandos. É um dos principais estudiosos do romance regionalista de 1930, da obra de Graciliano Ramos, e de autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Murilo Rubião, Machado de Assis, Manoel Bandeira, Joaquim Cardozo, dentre outros. Nos anos recentes intensificou, com seu grupo de pesquisa, os estudos sobre a atualidade do realismo, a partir da perspectiva lukacsiana.

O empenho em pensar o Brasil de forma dialética, por meio das mediações entre forma artística e forma social, e da lógica de inserção periférica do Brasil no sistema mundial fez do professor Hermenegildo um interlocutor crítico da obra dos principais intérpretes do Brasil, possibilitando aos estudantes e orientandos uma formação abrangente e densa sobre o senso de contradições que norteiam a experiência brasileira. Pudemos ler os romancistas, contistas, poetas, cronistas, e

seus críticos, em contraste com as leituras de Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Junior, Celso Furtado, Florestan Fernandes...

Um dos traços marcantes de sua trajetória é a atuação coletiva, o gesto gregário por meio do qual soube sempre reunir em torno das produtivas indagações que sabe formular um amplo grupo de estudantes e pesquisadores. Em nível nacional o professor Hermenegildo protagonizou a construção do grupo Formação, que reúne pesquisadores e grupos de pesquisa de diversas universidades do país, e desde 1999 realizou inúmeros encontros em diversas regiões do país.

Em âmbito internacional, na perspectiva dos estudos de Antonio Candido e Angel Rama, ampliou as articulações fazendo pós-doutorado no México, estudando a obra do escritor Juan Rulfo, trabalhando como professor na Universidade Nacional Autônoma do México. E nos anos recentes intensificou as parcerias de pesquisa com o grupo argentino Herramienta, de Buenos Aires.

Aprendemos muito com as aulas do professor Hermenegildo, pelo valor atribuído ao texto literário e aos dilemas das obras de arte, analisados com maestria, pela incitação ao debate, ao trabalho de grupo, pelas análises argutas sobre a realidade política brasileira e internacional.

Em duas décadas como professor da Universidade de Brasília a trajetória do professor Hermenegildo marcou profundamente a formação de professores e pesquisadores, com a importância do rigor acadêmico, da abrangência dos estudos comparados em âmbito da América Latina, pelo vigor do pensamento empenhado em compreender e formular os dilemas da experiência brasileira e, pelo valor atribuído ao trabalho coletivo.

O trabalho de Hermenegildo mantém vivo um elo com o projeto original da Universidade de Brasília, ao formar mais de uma geração de professores e intelectuais empenhados em pensar o país, em democratizar o potente acúmulo de nossa literatura para a classe trabalhadora. O pessimismo radical aprendido com Graciliano, e assimilado em sua conduta, nos ensina que as exigências intelectuais para a elaboração de uma análise crítica da realidade não devem imobilizar a atitude empenhada na consolidação da democracia como valor universal.

Obrigado, Hermenegildo!

